



ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS

DISCURSO DE POSSE DO
ACADÊMICO

Grácio Barbalho

NA CADEIRA N.º 2

PATRONO: Nísia Floresta

1.º OCUPANTE: Henrique Castriciano

OCUPANTE ANTERIOR: Hélio Galvão

DISCURSO DE SAUDAÇÃO
DO ESCRITOR E ACADÊMICO
ASCENDINO HENRIQUE DE ALMEIDA

Solenidade realizada no dia 02 de maio de 1985,
na Sede da Instituição, à rua Mipibu, 443, em Natal - RN

Do Acadêmico Antônio Soares
Filho, a minha homenagem e o meu
abraço de amigo.

Gracioso

J#/955

Biblioteca do Instituto Histórico
e Geográfico do Rio Grande do Norte
DOAÇÃO DO SÓCIO EFETIVO
ANTONIO SOARES FILHO

DISCURSO DE POSSE DO
ACADÊMICO

Grácio Barbalho

DISCURSO DE POSSE DO PROF. GRÁCIO BARBALHO

Esta é a noite que escolhi para viver um momento tantas vezes repetido à luz deste mesmo cenário.

É, certamente, um momento gratificante para quem supõe recolher uma aura de triunfo, ao perceber que estão ao seu lado, em jubiloso convívio, aqueles que justamente permitiram nascer e, a partir de agora, florescer esse convívio.

Eis-me, então, o mais novo dos que chegam a esta Casa e procuram dignificá-la, a cumprir parte do ritual que me autoriza rever e analisar, desta tribuna, a grandeza daqueles que, de forma real ou simbólica, a ocuparam no passado.

Ao ingressar nesta Comunidade Acadêmica — em sua essência uma casa de cultura — a minha condição de médico permite que me veja um pouco no passado para evocar a presença, sempre lembrada, do Acadêmico Onofre Lopes. Onofre, mipibuense e médico, sucedeu nesta Casa a Januário Cicco, médico e mipibuense, no mesmo ano em que, sendo seu continuador à frente da Sociedade de Assistência Hospitalar, criava a nossa Escola de Medicina. Eu, conterrâneo, me detenho ante a memória dos dois para ressaltar a figura daquele que, até bem pouco, aqui estava a comandar encontros em noites como esta.

A lembrança do homem obstinado, inovador, íntegro em sua conduta, firme em suas decisões, vive em todos nós. Guardo de nossa convivência dois momentos de alta significação para mim: quando me estimulou a não desistir da inclusão do meu nome no quadro de professores da Faculdade que iria dar os seus primeiros passos e, quase trinta anos depois, quando, em uma reunião do Conselho de Cultura em sua residência, fui consultado, a seu pedido, se aceitaria candidatar-me a este

lugar que, afinal, agora me pertence.

As homenagens prestadas à sua memória nos levam a rever a conceituação filosófica de CÍCERO quando recolhe, em seu estudo sobre a velhice, as palavras de Ciro, o Antigo em seu leito de morte: "As honras prestadas a homens ilustres não se repetiriam após a morte deles se suas almas não tivessem feito algo para fazer-nos conservar-lhes a lembrança".

Srs. Acadêmicos:

Quando, em 1954, os despojos de Nísia Floresta foram repatriados, dizia Hélio Galvão, já acadêmico, em discurso proferido no Instituto de Educação de Natal, que ocupava, nesta Academia, uma "cadeira onerosa, impondo ao seu titular um déficit permanente para com o antecessor". Que poderia eu dizer nesta hora quando vejo que quem o afirma, tornado antecessor, me transmite esse ônus tantas vezes multiplicado?

Sobre o patrono e o primeiro ocupante desta Cadeira serão poucas as minhas palavras. Uma distante incursão no passado me transfere aos oito ou nove anos de idade quando o manuseio da coletânea "Poetas do Rio Grande do Norte", de Ezequiel Wanderley, me trouxe as figuras de Nísia Floresta e de Henrique Castriciano. Nessa época, a minha vocação em devorar sonetos parnasianos, que se prolongou por toda a adolescência, fez certamente desse livro o meu breviário.

Na antologia, Nísia iniciava a seqüência das produções poéticas com os versos escritos na Capela de Santo Alfieri. Ao lado do texto original em francês podia-se ler uma tradução bastante livre, da qual retive apenas os dois primeiros versos:

"Aqui sob o zimbório onde um santo viveu
Eu cismo sobre o nada. E a alma entristeceu".

Esse retorno no tempo, devo acentuar, transfiro ao saudosista que me acompanha nesta altura da vida e é o que faz descerrar o cenário de sua multiforme expressão literária para ressaltar, de início, a condição de poeta, um ângulo talvez

de menor significação como insinua o próprio Castriciano.

Se, de outro lado, procurasse destacar o trabalho da jornalista, da conferencista, da socióloga, da romancista, da memorialista, iria dizer como Nilo Pereira: "Não vou traçar o perfil literário de Nísia Floresta porque nada mais é possível acrescentar a Aduato da Câmara e Oliveira Lima". Sem esquecer o que veio surgindo ao longo dos anos em artigos de jornais, discursos, conferências, notas biográficas e monografias. Em trabalho recente, a professora Zélia Mariz traz um bem elaborado resumo de sua vida e de suas produções literárias e atividades sociais, colhido em extensa fonte bibliográfica que inclui, entre outros, os nomes de Câmara Cascudo, Gilberto Freire, Henrique Castriciano, Hélio Galvão, Raquel de Queiroz, Nilo Pereira e Veríssimo de Melo. O acadêmico João Medeiros Filho, em estudo pormenorizado, destaca o ambiente em que Nísia viveu os primeiros anos, procurando dissipar dúvidas quanto ao seu comportamento no convívio social ao mesmo tempo em que traz à discussão pontos controvertidos de sua biografia como a data em que nasceu.

Se agora viesse a descortinar outros ângulos de sua personalidade pouco acrescentaria ao que foi dito sobre a feminista, a abolicionista, a educadora, a saudosista de sua terra, a amante de viagens.

A feminista que já aos 22 anos traduzia o opúsculo de Mrs. Godwin, iniciando uma permanente atitude de contestação aos ditames de certa época em que, como diz a canção popular, "quando o homem falava a mulher se calava por educação". Decerto não poderia prever que, quase um século depois, seria o seu Estado o primeiro a conceder o direito político à mulher brasileira.

A abolicionista que, em sábia e serena advertência, recomendava: "Amái vossos negros e eles vos servirão não como brutos mas como homens livres e devotados".

A educadora que certamente imprimia nos colégios que dirigiu aquele pensamento inovador visto em "Conselhos

à Minha Filha" quando diz: "Esforço-me por dar-te uma educação que, entre nós, se nega ao nosso sexo".

A saudosista de sua "Pátria Querida" e do recanto nordestino em que nasceu e que se revela, em insistente toque de nostalgia, nos seus escritos pelo distante mundo que percorreu, deve estar presente, não há dúvida, no nome que adotou: NÍSIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA.

As impressões que colheu em terras da Europa podem ser ressaltadas no minucioso relato contido em seu livro "Itinerário de uma viagem à Alemanha". Em notas que dirige a familiares mostra, com riqueza, o dia-a-dia de um turista à procura de conhecimentos, analisa fatos históricos ao visitar castelos e mansões, cultiva e revigora o sentimento religioso ao encontro das seculares igrejas que conheceu.

Estamos vivendo o ano que assinala o centenário de sua morte. É então chegado o momento de imaginarmos seus últimos passos em terra distante onde, afinal, adormeceu. E, depois, o regresso ao berço querido para o sono definitivo.

Será também um novo marco de evocação desta mulher extraordinária, onde talvez seja possível trazer uma luz mais incidente sobre a invulgar estruturação de seus conhecimentos na infância e na juventude. Para que, mais uma vez, se revele a condição de autodidata como a principal responsável, no dizer de OLIVEIRA LIMA, pela sua formação intelectual "sólida e brilhante, clássica e moderna".

* * *

Surge agora ante a minha imaginação, como um novo desafio, a figura de HENRIQUE CASTRICIANO, o fundador desta Cadeira. É que me vejo outra vez levado a repetir NILO PEREIRA quando diz que é impossível falar sobre HENRIQUE

depois que LUÍS DA CÂMARA CASCUDO publicou o seu "Nosso amigo Castriciano".

É evidente que poderei apenas relancear sobre o muito que foi dito e analisado no desenrolar de sua longa vida. Retroceder aos primeiros anos quando as investidas da doença levaram o colegial do Recife ao clima benfazejo do nosso sertão. Lembrar o acadêmico de Direito em Fortaleza, já se revelando o orador, em cujas palavras, como então foi dito, "palpita uma alma de artista". Ver a saúde de novo em declínio a transportá-lo aos ares da Suíça antecipando, no mesmo caminho, o poeta Manoel Bandeira que, como ele, iria sobreviver por longos anos. Mostrar aquele que, em quase toda a sua vida, é um incansável amigo dos livros como acentua Câmara Cascudo quando diz: "A casa onde morasse era um desordenado mostruário de livros, fechados e abertos, derramados pelas cadeiras, mesas, banquinhas, rebordo das janelas (...)". Assinalar a atuação do político e do homem público em certo período de sua vida: Secretário do Governo, Procurador Geral do Estado, Deputado Estadual e, finalmente, Vice-Governador em dois quadriênios, encargos meritórios que se completariam com o desejo, não realizado, de expor e debater idéias e conceitos educacionais como deputado na Câmara Federal.

Devo, entretanto, me deter um pouco quando procuro examinar três incidências do seu universo cultural: o poeta, o jornalista e o educador.

Na antologia de Ezequiel Wanderley está o poeta. Sua fotografia ali estampada é uma das recordações visuais dos tempos da minha infância. Nenhum dos versos de "A estátua", o consagrado poema transcrito no livro, ficou na minha me-

mória. Hoje releio esse poema e suponho que quando o artista

“Sentiu que o mármore chorava
Como distante desta gleba fátua
E viu surpreso, então viu que brilhava
Uma lágrima nos olhos da Estátua”

é certo que já antevia, como personagem, o simbolista, cultor da poesia inovadora de Cruz e Souza, a confrontar as limitações da pobre condição humana com as poderosas forças da natureza:

“Não chores, pois, astro da noite amada!
Não rujas, não, esplêndido oceano!
Montanha, ride! a vossa mágoa é nada
Ante o sofrer do coração humano!”

Henrique, príncipe dos poetas norte-rio-grandenses, era também um parnasiano. Amigo de Olavo Bilac, aceitava o culto bilaquiano da sua “Deusa Serena”, a “Serena forma”. Esta seria então um complemento de seu engenho poético, a justificar o conceito de que sua poesia “é um trabalho de artesanato literário”. O soneto “Monólogo de um bisturi”, tantas vezes reproduzido, envolve essa estrutura e então se pode ler:

“Fere esse braço grego! e as pomas cor de neve!
E as linhas senhoris que a pena não descreve!
E as delicadas mãos que o pó vai dissolver!”

Seus quatro livros de versos: “Iriações”, “Ruínas”, “Mãe” e “Vibrações” foram editados quando Henrique ainda não completara trinta anos de idade. Assim, a mocidade concedeu-lhe a inspiração poética, traduzida no magnífico estilo de poemas como “O Aboio”, justamente na época em que sua irmã AUTA

preparava "O Horto", o "cancioneiro geral das nossas tristezas" como bem definiu Edgar Barbosa.

Agora é a vez de reconhecer o estilista dos artigos e crônicas em jornais, elevando bem alto o prosador que não pôde ser visto no texto de romances inacabados. No alvorecer do século vinte, quando o desenvolvimento da teoria eletrônica do átomo levava o poeta Augusto dos Anjos a ouvir "em sons subterrâneos o choro da energia abandonada", ainda incapaz de "mover milhões de mundos", o nosso Henrique, discorrendo sobre a Teoria Orgânica das Sociedades, analisava a confluência do transformismo de Darwin em sua "Origem das Espécies" com a filosofia evolucionista de Herbert Spencer e dizia: "Quem poderá prever o que será o mundo civilizado daqui a quatro séculos? Quem sabe o que o espírito humano criará nesse espaço de tempo nos diversos departamentos da ciência e quem nos poderá dizer até que ponto essas criações modificarão a vida social de amanhã?".

Este é o sociólogo que se aproxima da ciência para inquirir sobre o destino do homem na terra. E, como se vê nas "Cartas holandesas", quando se revela o saudosista cultor das tradições seculares que vicejam em países da Europa enquanto morrem no Brasil; o religioso que faz, com entusiasmo, a apologia de Jesus cuja alma, segundo ele, "paira acima da religião"; o observador político que mostra, em substancial análise, o decorrer da nossa vida pública no Segundo Império.

Finalmente, os artigos que escreveu na "A República" quando da morte de Lourival Açucena, onde recorda não só o poeta como as excentricidades de sua vida boêmia, revelam o poder de síntese do historiador ao detalhar a vida social e econômica do Rio Grande do Norte ao tempo do Imperador Pedro II. E, sobretudo, retrata com sutileza o dia-a-dia de uma Natal provinciana, suas limitações, enquanto a fisionomia do rio, das dunas, dos bairros acentua o que para ele é "a bela tristeza da nossa paisagem".

E o educador? Quando, em 1911, foi criada pelo Go-

verno do Estado a Liga do Ensino já se podia prever, pela contribuição marcante e inovadora de Castriciano, a fundação da Escola Doméstica. Uma instituição particular, única em sua época em nosso país, coroou certamente, nas diretrizes de seu espírito cintilante, aquela de aperfeiçoar a educação doméstica.

Como afirma o irmão Eloi "sua vocação foi a de educador, principalmente no tocante à educação da mulher", o que vem se ajustar ao conceito de Nilo Pereira de que "a Escola Doméstica é o seu maior poema".

Nos anos da velhice, quando os novos pareciam desconheçê-lo e poucos lembravam o escritor e o poeta, estava de algum modo viva a lembrança do educador. As instituições que criou, em plena florescência, lhe davam esse prêmio. E quando o destino amargo o levou, sem reversão, a um leito de hospital era decerto emocionado que recebia a visita das alunas e a presença festiva dos escoteiros. Seria este, então, o momento de repetir as palavras do mestre Câmara Cascudo: "Para o lar que não possuiu dedicou sua existência cultural. Morreu num aposento de hospital sem a mão de uma mulher sobre sua cabeça agonizante". Mas deixou, poderosa e viva, a ESCOLA DOMÉSTICA."

SRS. ACADÊMICOS, SENHORAS E SENHORES:

As múltiplas cintilações da atividade literária de Nísia Floresta e Henrique Castriciano estarão, certamente, brilhando com igual intensidade na trajetória do homem de letras e do humanista que foi Hélio Galvão.

Dele se poderia talvez dizer o que está em uma das biografias de Balzac: "Foi tudo quanto se pode ser em literatura: contista, historiador, poeta, filósofo, jornalista, atuando nesses campos com um raro poder de intuição que lhe permitia chegar ao fundo da alma dos homens".

Frente a essa multiplicidade de caminhos a percorrer, no instante em que me cabe, ainda que em singela reverência, cultuar sua memória como meu antecessor nesta Cadeira, teria certamente ante a minha imaginação o desafio do poder de síntese. Uma rápida visão no caminho percorrido poderia, entretanto, obscurecer significativos detalhes da paisagem. É então que me vem à lembrança, como a sugerir um rumo diferente, o verso de Bilac: "Quem o molde achará para a expressão de tudo?". Ao concordar com o poeta, dispenso a minúcia de uma apreciação global para ressaltar três pontos luminosos de sua vivência cultural: o historiador, o sociólogo e o etnógrafo. Certo é que neles está o jornalista. Está também o humanista; mas está, sobretudo, o pesquisador.

O HISTORIADOR: Em uma das crônicas que escreveu para a "Tribuna do Norte" diz Hélio Galvão: "Em 1935 eram poucas as minhas leituras de ficção porque a história dominava as preferências do estudante". Já nessa época começava a preparar o seu primeiro livro, o "Goianinha", que não chegou a ser editado. No prefácio que escreveu para este livro diz Câmara Cascudo que, quando o conheceu, "pertencia Hélio Galvão à escola difícil e meritória dos pesquisadores acima do desânimo, tenazes agressores das traças que apagam nomes e gestas ilustres no mundo confuso dos arquivos". Estava assim configurada, no alvorecer de sua fecunda atividade literária, a simbiose perfeita entre o historiador e o pesquisador.

O relevo fundamental de seus estudos de história traz o Rio Grande do Norte como cenário. Já nos primeiros ensaios contesta a opinião de outros pesquisadores quando afirma, em artigo publicado no "O Cunhaú", jornal de Canguaretama, em 1938 que André de Albuquerque, chefe revolucionário de 1817 em nosso Estado e mártir ainda hoje reverenciado, não teria nascido em Goianinha, distrito de Goiana, Pernambuco, e sim na nossa Goianinha, o que foi confirmado em estudos

que vieram depois. Em alguns artigos que escreveu para jornais de Natal a pesquisa histórica transparece viva, minuciosa, envolvente. Em quase todos revive Hélio traços adormecidos do nosso passado com um feixe de linhas direcionais para o município em que nasceu.

Analisa a origem, inclusive indígena, das localidades do município de Goianinha; refere ascendentes de Nísia Floresta que lá viveram e prosperaram no comércio e na agricultura bem como velhas heranças no decorrer do século dezoito; aborda a miscigenação de holandeses com brasileiras, antecipando, de muito, a temática do poeta Mauro Mota com as suas "tristes meninas" que os americanos conheceram na segunda guerra mundial. Em outros estudos relata fatos históricos de alguns engenhos como Estivas e Cunhaú, descobre, ao registrar as secas que assolam periodicamente o Nordeste, referência ao precursor da açudagem no longínquo limiar do século dezoito e, finalmente, como um corolário ao sentimento cristão que o acompanha, traça profusa biografia de sacerdotes, inclusive de alguns que viveram em época remota como o padre Felipe Borel, fundador do Apodi.

As pedras estruturais desse mosaico de informações firmam-se, não há dúvida, na incessante busca de antigos documentos, e esse mergulho nos arquivos históricos se aprofunda de forma admirável quando estudo a genealogia de famílias potiguares.

É este o incansável pesquisador, membro do nosso Instituto Histórico e Geográfico, que chega ao estrito detalhe quando, em um de seus artigos, ao analisar um documento que não prova seja Gondim o capitão-mor Antonio Vaz, diz: "O livro de onde extraí estas notas é o mais antigo manuscrito existente no Rio Grande do Norte, trazendo numerosos documentos anteriores à ocupação holandesa".

Não podemos fugir à convicção de que as pesquisas históricas do jornalista chegariam à sublimação com o seu livro sobre a Fortaleza da Barra do Rio Grande. O que impressiona neste trabalho, que leva o autor a se equiparar aos grandes vultos

da historiografia brasileira, é o incansável acesso à informação precisa, trazendo uma bibliografia incomparável que ele próprio justifica e, de certo modo, enaltece quando diz: "O livro exigiu leituras pacientes, pesquisas demoradas, penoso mergulho na papelada que envelheceu virgem".

O texto é sério, conciso, real, não se podendo admitir a descrição fantasiosa de algum feito ou o relato romanceado de um episódio. A construção da fortaleza, que o autor recompõe em termos exatos e certamente definitivos, é a porta que abre o cenário de um novo território, o território do Rio Grande e permite a formação de um pequeno aglomerado que será, no futuro, a nossa Capital cuja evolução desde os primórdios com a expulsão dos franceses, a dominação holandesa que veio depois, a lenta estruturação do ambiente familiar através dos séculos, a sobrevivência da fortaleza até os nossos dias, vive intensamente nas páginas deste livro.

Um documento que não se perderá no tempo e dará, com certeza, ao autor o prêmio de ter seu nome transportado ao futuro.

O SOCIÓLOGO: O Sociólogo Hélio Galvão se reflete do mesmo modo com a mesma precisão de conceitos do historiador, em seus trabalhos de jornalista. Em um desses ensaios, ao discorrer sobre a permanência do celibato entre os padres, é ele mesmo quem diz: "Não sou reacionário no sentido de resistir às realidades. Estudioso da Sociologia, conheço de algum modo o processo de mudança social".

Era realmente, além de professor, um estudioso da Sociologia. Nesses artigos esparsos em jornais estuda, com autoridade, temas como a indissolubilidade da família, apontando falhas no casamento civil e religioso e analisa, algum tempo depois, as modificações no relacionamento homem/mulher; apresenta, em base fundamentada, a sociologia do povoamento das cidades e vilas do Rio Grande do Norte, mostrando com exemplos os fatores que determinaram a fundação dessas localidades; é um dos primeiros a se revoltar com a nova denominação de municípios, cidades e lugarejos, atitude que define

como "crime de lesa-história", sobretudo quando a substituição é feita por nomes vulgares de políticos, "aquilo que já se definiu como bajulação topográfica"; lembra a importância do senhor de engenho na época colonial, no Brasil império e ainda nos primeiros decênios do Brasil republicano e conclui que essa importância arrefeceu depois que os senhores de engenho preferiram a Capital.

Eis agora o sociólogo reunindo peças altamente valorizadas de seu labor literário. Dessa reunião surge "O Mutirão no Nordeste", um trabalho pioneiro que o credencia como autor de renome.

Estudando o mutirão, a "faxina" dos municípios potiguares de onde mais se aproximou, revê extensa bibliografia mostrando a sua variada designação e a forma de comportamento nos estados nordestinos, na Amazônia, no Oeste brasileiro e, com particular detalhe, em países como Portugal e México.

Para ele "o esforço recíproco em trabalho comum desbasta arestas e enche o vazio da pobreza". Importante é a bibliografia apresentada que inclui citações de autores nacionais bem como as que retratam costumes em vários países, do Canadá à Índia. Acha que o mutirão ou "Adjunto" que engloba, no Nordeste considerado, a agricultura, a caça, a pesca, hospedagem, festas populares, o batizado, o casamento, o "quarto" ao doente e ainda trabalhos domésticos como a renda e o labirinto, é essencialmente tarefa do mundo rural e que terminará impregnando-se do "individualismo urbano", entre outros motivos em consequência do êxodo e que vai desaparecer no futuro.

É do conhecimento de muitos que "O Mutirão no Nordeste" recebeu acolhida elogiosa do historiador e sociólogo OLIVEIRA VIANA e está no texto de enciclopédia argentina.

O ETNÓGRAFO: No momento em que surge o etnógrafo Hélio Galvão não podemos dissociar essa presença daquela figura ímpar de estilista que nos oferece, como atração irresistível, as "Cartas da Praia". Para enaltecer a beleza, a simplicidade, o poder de sedução que as "Cartas da Praia" e as "Novas,

Cartas da Praia" nos oferecem, nada mais será acrescentado ao que disseram os seus prefaciadores. O que nos resta é recorrer à sua leitura para participarmos daquele cenário e então absorver a natureza ambiente, com a flora e a vida animal que ainda restam, conviver com o mundo dos pescadores e caçadores ouvindo o relato de suas andanças, com o contador de velhas histórias, a rendeira e sua atividade artesanal, os tipos populares com o seu linguajar simples onde subsistem termos em desuso.

Ao exibir a fiel documentação de uma época, o relato das tradições já mortas é tema apaixonante para os que as recolheram no passado. Assim, se me permitem, procuro despedir-me do etnógrafo e humanista para reencontrá-lo em uma de suas crônicas de jornal e seguir suas pesquisas sobre o Tenente-cirurgião da Guarda Nacional, Manoel Laurentino Freire de Alustau Navarro, que terminou se fixando no século passado em Papari. Vejo então que somente um incansável e minucioso pesquisador de nossa história poderia reviver ante os meus olhos a figura de Cândido Freire de Alustau Navarro, filho daquele Tenente-cirurgião, o "Seu Candinho" do meu tempo de menino em São José de Mipibu, que chegava uma vez ou outra a nossa casa, abria a sua maleta de homeopata e, ao mesmo tempo em que prescrevia dietas, entregava à minha mãe o remédio por ele indicado.

Se procuro devolver esta recordação da infância às "Cartas da Praia" é porque lá está a palavra de Hélio, que volto a ouvir: "O poder de evocação pode fazer o milagre de repassar aos nossos olhos a paisagem que desapareceu, as pessoas que já não vivem e trazer de novo à memória episódios, fatos, gestos de que um dia participamos".

* * *

Procuremos agora seguir os passos do escritor ao longo de outros itinerários. Certo é que o folclorista, o antropólogo e, de algum modo, o biógrafo já se anteciparam pois, em essência,

não podem ser dissociados das três marcantes definições que acabamos de analisar.

Como bacharel em Direito foi jurista de mérito, resoluto e combativo, chegando o reflexo de sua erudição profissional a transpor as fronteiras do Estado. Nas lutas jurídicas que travou poder-se-ia talvez, entrever o antigo militante de um certo período de nossa destinação política, fazendo lembrar a veemência de editoriais vistos no texto da imprensa natalense. Importante nesta altura é ressaltar o valor literário das monografias que escreveu versando sobre temas jurídicos. Seu estilo correto, primoroso, nos leva à evidência de que vem a fugir de si próprio quando afirma: "Não temos o direito de exigir que todo advogado seja um intelectual".

Cultor da ecologia defende, em vários trabalhos publicados, a preservação da natureza no meio ambiente, sem esquecer até mesmo o uso generalizado da caça predatória. O processo que o Governo pretende usar na restauração de nossas matas para ele é inadequado, insistindo no reflorestamento com árvores apropriadas ao clima onde irão crescer e só assim "os poucos exemplares da fauna que ainda vivem e fugiram procurando outro habitat, certamente voltarão".

Finalmente, o poeta. Hélio Galvão não chegou a reunir poemas em livro. Talvez sentisse que o lirismo de sua alma de artista, reproduzido em versos, seria apenas a complementação da linguagem poética contida em muitas de suas publicações em prosa. É certo que só nos últimos anos modelou o escritor sua inspiração poética, o que vem concordar com o que disse em carta-resposta de 1948: "Não sei fazer poema, também não sei fazer soneto mas gosto muito de poesia". No ano seguinte, ao assumir esta Cadeira, repetiria: "Não sou poeta mas sucedo a dois poetas. Nunca perpetrei um verso".

A publicação de sua coletânea de poemas poderá mostrar o romântico que, lembrando algum familiar ausente, diz:

"É bom ter saudade de quem vai voltar".

De outro lado, sua leitura confirmará a observação do acadêmico Antônio Soares Filho quando, em saudação evocativa, define o poeta mostrando que "o seu linguajar faz lembrar, de certo modo, alguns parnasianos que aderiram ao modernismo e não perderam, de todo, o lirismo e a verdadeira arte de versar". E, com justeza, conclui: "Seus versos foram manifestação de três sentimentos: amor à esposa, ternura para com a numerosa descendência e religiosidade inabalável e contemplativa".

Hélio Mamede de Freitas Galvão nasceu em Tibau do Sul, na época município de Goianinha, a dezoito de março de 1916. Era filho de José Mamede Galvão e Isabel Genuína Galvão. Chegou a Natal nos primeiros anos da década de trinta e, já no início, a paixão pela leitura e o sentimento religioso permitiram consolidar algumas amizades, pois enquanto cursava a Escola Normal pertencida à Congregação Mariana e freqüentava diariamente a Biblioteca Pública do Instituto Histórico.

Logo iniciou sua colaboração na imprensa ao mesmo tempo em que participava da fundação de associações culturais, entre elas o "Centro Estudantil Potiguar" e o "Grêmio Literário Gotardo Neto". Em seguida, fez parte do grupo de intelectuais convocados pela Biblioteca Norte-rio-grandense de História para escrever a história de alguns municípios, daí surgindo os originais do livro "Goianinha".

Em 1939, tornado tabelião, mudou-se para Pedro Velho, interior do Estado. No seu regresso a Natal, em 1947, passou a colaborar assiduamente em jornais, assinando artigos e crônicas como "Nota da semana" na A ORDEM e "Pesquisas e notas" no DIÁRIO DE NATAL. E, ainda, ligado à política com o despontar da redemocratização após o Estado Novo, a seqüência dos editoriais que, no aceso das disputas, escreveu para o JORNAL DE NATAL.

Em 1948 iniciou o Curso de Direito, bacharelando-se em 1952. A partir daí, uma atividade profissional absorvente veio juntar-se à do professor de algumas instituições de ensino, entre elas a Faculdade de Filosofia, a Escola de Serviço Social

e a Escola de Jornalismo "Eloi de Souza"; enquanto colaborava em revistas, inclusive do sul do país, voltava aos artigos de jornal como "Ponto de vista" na TRIBUNA DO NORTE e preparava os livros que iriam coroar sua obra literária.

Duas poderosas colunas sustentaram, sem estremecimentos, ao longo dos anos, o templo de sua vivência afetiva: o amor aos livros e o amor à família. Sua devoção à família, verdadeiro culto, é sempre lembrada no registro dos amigos mais aproximados. E transparece, viva e edificante, quando, em saudação a Dom Nivaldo Monte nesta Academia, começa externando sua tristeza pela morte de um filho. Irreconciliável com a desventura, mostra o seu desalento em palavras tocantes e nem a lembrança do conselho de Sancho a D. Quixote, apontando a filosofia da resistência moral ante o insucesso, consegue apagar esse desalento quando diz: "Refugiei-me no silêncio da biblioteca para extrair dos livros que juntei a seiva que dá força à fragilidade desses restos de vida".

Por essa permanente dedicação à esposa e aos filhos responderia, em parte, a religiosidade que o acompanhou durante toda a vida. É o que ele próprio atesta quando diz: "queremos o cristianismo vivo e puro para evitar a família ameaçada de ruína". E não era apenas um intransigente devoto do culto mariano, como proclamava, ou um assíduo freqüentador da missa aos domingos ou aquele que defendia, com ardor, as tradições da Igreja, rebelando-se contra as inovações dos "católicos progressistas", a tendência ao ecumenismo, a extinção do celibato entre os padres. Era mais do que isto, pois nele estava o minucioso analisador da história da Religião, não se cansando na busca de livros raros para recompor detalhes de acontecimentos bíblicos, estudar a origem de termos sagrados e pesquisar, através dos tempos, os erros e acertos da Igreja Universal.

Quando, em 1960, recebeu do Papa João XXIII a medalha e o título de Comendador da Ordem de São Gregório Magno revelou-se, em discurso de agradecimento, um homem

simples "avesso a manifestações de ordem pessoal". Entretanto, pelo que deixou bem se ajustaria e mesmo valorizaria o conceito de Pascal: "É o pensamento que caracteriza o homem. Sem ele, não podemos conceber".

Senhoras e Senhores:

Hélio Galvão foi eleito membro desta Casa em 1948. No discurso de posse, a 26 de maio do ano seguinte, disse concordar com a irônica insinuação de um jornalista ao afirmar que a Cadeira de Nísia e Castriano permanecia inocuada. Devo tornar minhas as suas palavras quando isto me traz a ilusão, talvez o reconforto de voltar aos tempos de adolescente, ser de novo o ginasiano que agora repete ao seu colega Ascendino, aqui presente: "Algum dia entrarei em uma Academia de Letras".

DISCURSO DE SAUDAÇÃO
DO ESCRITOR E ACADÊMICO
ASCENDINO HENRIQUE DE ALMEIDA

O Tempo foi sempre eterno. Eterno e, até determinado instante, indivisível. Depois que o homem criou o calendário e o relógio, é que o dividiu e o subdividiu em anos, meses, dias, horas, minutos e segundos. Não contente, o homem repartiu o Tempo em fatias maiores: O Presente, o Passado e o Futuro.

O Presente é permanência. Durante a vida toda, o homem vive o Presente, que sobre-resta na sucessividade dos segundos, como diria Augusto dos Anjos no seu "lamento das coisas". Tudo passa, mas o Presente, mutável nas ocorrências, é imutável no tempo.

O Futuro é o desconhecido, o que há de vir: promessa, na esperança que anima; fé, no êxito que se aguarda; apreensão, no ignorado que sobrepaira.

O Passado é o caminho que ficou atrás, é o tempo que se foi, é a vida que foi vivida. No Passado, restaram as esperanças sepultadas; sumiram os anseios perdidos; ficaram as promessas não cumpridas. Mas surge aqui um elemento novo que opera o milagre de tornar o Passado sobrevivo: é a RECORDAÇÃO.

Curioso observar que, em relação ao Passado, selecionamos, quase sempre, fatos que nos alegraram, episódios que nos comoveram, ocorrências que nos foram mais felizes. Talvez instintivamente, procuramos afastar lembranças que nos foram tristes ou dolorosas, para não termos que revivê-las ou até dramatizá-las no palco da memória. "Se Deus suprimisse por nós" — sentencia Maupertuis — "todo o tempo que desejássemos suprimir, talvez a duração da vida mais longa se reduzisse a poucas horas". O Passado é um tempo sem retorno, sabemos, mas a memória exerce o milagre de recordá-lo, e até de revivê-lo, em certos aspectos, pelo esforço da evocação, e é o que tentaremos fazer, em instantes de fixação.

Recordamos, como se o revivêssemos, março de 1932. Erguemos da memória um painel que ali guardáramos. Espanamos-lhe a poeira. Retocamos algumas de suas tintas mais apagadas, reavivando-lhes as cores. Avistamos, bem nítido, um aspecto parcial da Ribeira, aparecendo, imponente, a fachada do Teatro

Carlos Gomes, hoje Alberto Maranhão. À sua esquerda, separado dele por uma rua, o Colégio Pedro II, aonda nos conduzem. Entramos, eu e meu pai. Eu, 17 anos de idade, a esperança nos olhos cintilantes e no coração apressado; meu pai e acompanhante, a experiência, na soma dos anos vividos.

Logo à entrada, fomos recebidos pela figura veneranda e séria do seu Diretor, Professor Severino Bezerra de Melo, a quem nos ligaríamos pelo resto dos anos que ele viveu, responsável que foi pelo nosso ingresso como professor de Português, no mesmo Ateneu em que fôramos aluno. Nossa vaga no colégio já fora garantida pela matrícula, antes mesmo da nossa vinda de Patu, no alto sertão do Estado. Conduziram-nos depois à sala de aula onde, bisonho e dúbio, sentamo-nos ao lado de um menino, quase franzino, alto para a idade que tinha. Foi esse o nosso primeiro contato com Grácio Barbalho: eu, 17 anos já feitos; ele, 15 anos incompletos, ambos cursando o 3.^o ginásial. No ano seguinte, 1933, todos os alunos do Colégio Pedro II foram forçados a transferir-se, porque o Colégio fechava as suas portas face a exigências do Ministério da Educação, julgadas incabíveis pelo Professor Severino Bezerra, que a elas não se submeteu. Alguns dos alunos, cujos pais desfrutavam melhor situação financeira, transferiram-se para o Colégio Marista. Os demais foram para o Ateneu Norte-rio-grandense. Entre estes, estávamos eu e Grácio. No Ateneu, em 1934, concluímos juntos o Ginásial. Era esse o ano em que o velho educandário da Junqueira Aires completava cem anos de fundação. O evento mereceu um livro de Clementino Câmara intitulado "O Ateneu". Nesse livro, à página 32, foram transcritos os nomes dos 33 alunos da nossa turma, que registramos aqui, num culto de saudade aos que já se foram e numa homenagem viva aos que, por ventura, ainda estejam vivos. Parece-nos ainda ouvi-los responder "presente" à chamada feita, cada aula, pelo professor ocasional, a caderneta aberta diante dos olhos.

1. Alberto Duclerc Pinheiro
2. Alberto Vieira Roselli
3. Álvaro José Pires — *Alberto Roselli*

4. Amando Homem de Siqueira
5. Anadil Vieira Roselli
6. Ascendino Henriques de Almeida Júnior
7. Clóvis Gentile
8. Dulce Cicco
9. Edmundo Gurgel
10. Evaldo Sizenando Pinheiro
11. Fernando Pinheiro de Araújo
12. Felizardo Eugênio Toscano Lyra
13. Francisco Bilac de Faria
14. Francisco Pilomias de Sousa
15. Grácio Guerreiro Barbalho
16. João Pedro do Monte
17. Jofilly de Carvalho Paiva
18. José Ariston Filho
19. José Arnaud Gomes Neto
20. Lúcia Bezerra de Albuquerque Ramalho
21. Maria de Lurdes Meira Bezerra
22. Myrtes Bezerra de Melo
23. Morton Mariz de Faria
24. Nadir Medeiros
25. Néelson de Oliveira Reis
26. Newton Pessoa de Paula
27. Osman Capistrano Silva
28. Paulo Gomes da Costa
29. Ruy Augusto Pereira do Lago
30. Ruy Lucena
31. Sinésio Pereira da Silva
32. Túlio Augusto Fernandes de Oliveira
33. Yaponan Caramuru de Brito Guerra

Dos professores, apenas Luís da Câmara Cascudo e Vécio Barreto permanecem vivos.

Entre os mortos, a nossa memória relembra Celestino Pimentel, Joaquim Torres, José Gurgel do Amaral Valente, Padre Luís Monte, Monsenhores Pegado e João da Mata Paiva.

Luís Torres, Gentil Ferreira, Luís Antônio dos Santos Lima, Edgar Barbosa, Sylvio Veiga, Padre Calazans Pinheiro, Israel Nazareno, Hostílio Dantas, sem esquecermos aqui o temido inspetor Lucas Sigaud e o querido funcionário Emídio Fagundes.

Aquela época, salvo juízo apressado, o aluno era mais atuante do que nos dias presentes. Havia vibração e entusiasmo. A inquietude estudantil de hoje gera greves e protestos; a daquele tempo, a par das noitadas inseqüentes, produzia movimentos que empolgavam a classe e a sociedade. Lembraríamos aqui a memorável campanha da Rainha dos Estudantes, em 1934: a nossa turma do Ateneu, 5ª série, contra todos os alunos restantes do Ateneu, mais o Colégio Santo Antônio, mais o Ginásio Diocesano Santa Luzia, de Mossoró. Havia apenas duas candidatas, ambas do Ateneu e ambas merecedoras pela mocidade e beleza: a nossa, Lúcia Ramalho; a outra, nossa adversária, Alba Marinho. O desequilíbrio de forças deu a vitória à nossa opositora. Durante a campanha, nós da 5ª série, em grupos organizados, saíamos todos os dias, de rua em rua, de casa em casa, de pessoa em pessoa, de coração em coração, pedindo exemplares do jornal "A Razão", onde vinha impresso o cupom de votação a ser preenchido e, todas as noites, sobraçando os jornais arrecadados, íamos à residência do nosso colega Fernando Araújo, na rua Açu, onde recortávamos os cupons e os preenchíamos para, na manhã seguinte, depositarmos os votos na respectiva urna, que era guardada e fiscalizada pelo próprio jornal. A campanha gerou tal entusiasmo que, apesar da derrota, o pai da nossa candidata, Dr. Francisco Ramalho, fundador e 1º Presidente da Associação Odontológica do Rio Grande do Norte, residente na rua 21 de março, ofereceu a todos os componentes da nossa turma, em sua própria casa, um baile que marcou época, por sua animação.

Depois veio a dispersão, na ânsia da conquista social e no enalço da sonhada profissão. Os caminhos se diversificaram. Vários se "encantaram", na expressão feliz e exata de Guimarães Rosa; diversos foram perdidos de vista; alguns aqui estão, repisando conosco, através da memória, caminhos já transitados.

Eu e Grácio aqui defrontados: eu, para saudá-lo; ele para ingressar nesta Casa da Memória, cujas portas se lhe abriram hoje, recebendo-o, solenemente, como um dos seus habitantes.

Já é tempo de falarmos a respeito do nosso recipiendário. Na noite mesma em que Grácio Barbalho foi eleito, fomos à sua residência, alguns acadêmicos, para comunicar-lhe a unanimidade da sua vitória, oportunidade em que ele nos convidou para apresentá-lo nesta Casa.

Agora é difícil saber de quem a vitória maior: se da Academia que o recebe, se dele, que é recebido.

Receber e ser recebido são gestos comuns e diários no trânsito da convivência humana, porém se avultam, por sua singularidade, nas solenes recepções de uma Academia de Letras. Noite de emoção, a posse de um acadêmico é, realmente, de inigualável superioridade.

Muitos, sabemos, combatem as Academias de Letras. Na maioria, estão os que já tentaram forcejar-lhes as portas e não o conseguiram. É um direito legítimo e incontestável que lhes assiste, mas o ingresso nelas é afunilado pelo voto, e o número de vagas é limitado pelos estatutos. O voto é um filtro, e os votantes exercem livremente o seu direito e a sua vontade. É verdade, e ninguém discute que, algumas vezes, os pressupostos melhores ficam do lado de fora, sendo-lhes lícito aguardarem outra oportunidade que, lamentavelmente, só aparece quando uma das "deusas parcas" nos subtraem um companheiro.

Na eleição de Grácio, o problema não existiu. Nele, era tão legítimo o direito de ser um dos nossos que os prováveis concorrentes se abstiveram do seu legítimo direito de candidatar-se.

Grácio Barbalho vem substituir o nosso Hélio Galvão, cuja cadeira tem, como patrono, Nísia Floresta Brasileira Augusta, nome sonoro e patriótico que identificou um dos eminentes vultos femininos, senão o maior, que se fixaram na moldura iconográfica do tempo. A ele, Grácio, caberá selecionar as tintas, tomar o pincel e pintar, em cores vivas, as duas culminantes figuras humanas.

É tão extenso o currículo profissional de Grácio Barbalho que nos abstivemos de mostrar todo o seu longo itinerário, o que faremos, posteriormente, quando da publicação deste discurso na Revista da nossa Academia.

Aqui, lembraremos instantes da sua mocidade para depois nos fixarmos em três aspectos decisivos da sua brilhante trajetória: o médico, o laboratorista e o pesquisador da Música Popular Brasileira.

Criança ainda, Grácio Barbalho ganhara o hábito, quase mania, de colecionar.

Não sabemos se ele chegou a colecionar namoradas. Sabemos, porém, que uma das suas primeiras coleções foi a de carteiras vazias de cigarros, quem sabe surgindo-lhe daí o vício do fumo, que iniciou na adolescência e que ainda persiste, mesmo sendo médico e, por isso mesmo, conhecendo os males do tabagismo.

A respeito de fumantes, permitam-nos abrir um parêntese para lembrar um episódio: conhecemos um médico de Mossoró, o Dr. Lavoisier Maia, tio do Ex-Governador Lavoisier Maia Sobrinho que, a nosso ver, era o mais viciado dos fumantes viciados, mas adepto incondicional daquele conhecido preceito: "faça o que digo, mas não faça o que faço". Condenava terminantemente o fumo diante de cada cliente. Recordamo-nos bem de uma noite em que o Dr. Lavoisier Maia, vindo de Mossoró para Catolé do Rocha, dormiu em Patu, na casa de meu pai adotivo, de quem era muito amigo. Nós, criança ainda, fomos fazer-lhe companhia; Duas horas da madrugada, aproximadamente, o Dr. Lavô, como o chamávamos, acordou-nos para saber se havia na cidade algum vendedor de cigarros que dormisse no próprio estabelecimento comercial. Respondendo-lhe afirmativamente, pediu-nos que lhe fosse comprar cigarros, sem o que não conseguiria dormir o resto da noite. Fomos e, o que é curioso, compramos cigarros na mercearia de Massilon, o mesmo Massilon que, posteriormente, matou um policial em Belém, na Paraíba, e, perseguido pela Polícia, uniu-se ao grupo de Lampião, participando do famoso ataque de Mossoró.

Fechemos o parêntese.

Grácio Barbalho não colecionava apenas carteiras de cigarro. Também era colecionador de sonetos, copiando-os à mão. De 1932 a 1936, copiou 600 sonetos que ainda conserva encadernados. Certa vez, em Recife, 1936, acadêmico de Medicina, entrou em um "sebo" e, por acaso, descobriu um pequeno livro que enfeixava cem sonetos célebres do Brasil. Grácio, estudante pobre, não podendo comprar o livro, mas, vendo, no seu índice, o célebre soneto "Velho Tema", que há muito procurava, do poeta Vicente de Carvalho, resolveu copiá-lo ali mesmo. Revistou o bolso à procura de lápis e papel. Encontrou-os. Houve, porém, uma dificuldade: o livro era daqueles que trazem as folhas coladas lateralmente. Não desistiu. Com esforço e habilidade, afastou as páginas com os dedos, sem rompê-las, mas o bastante para permitir-lhe a leitura, e o copiou.

A ânsia do colecionador não termina aí. Em 1951, Grácio Barbalho adquiriu a sua primeira radiola, iniciando a sua famosa coleção de discos 78 rpm que é, talvez, a mais completa do Brasil. Raros são os discos fabricados no Brasil, entre 1927 e 1950, que não estejam devidamente catalogados na discoteca de Grácio Barbalho. E o que admira é a momentaneidade com que colhe os discos solicitados pelos visitantes. Seus dedos parecem ter memória, porque, mal vem a solicitação, o disco, num passe de mágica, vem às suas mãos e, destas, vai instantâneo ao toca-disco e à audição do espectador.

Inquestionavelmente, Grácio é hoje um dos maiores, senão o maior conhecedor da Música Popular Brasileira. Além de numerosos artigos sobre o assunto saídos em revistas, publicou excelente livro, "O Popular em 78 Rotações", com que se apresentou, nesta Academia, à vaga do nosso Hélio Galvão.

Deixemos Grácio com as suas coleções para reencontrá-lo em Recife, no Curso de Medicina, concluído em 1940.

Convidado, instalou seu consultório médico em Santana do Matos. Todos sabem, muito mais os médicos, como era ingrato, há 40 anos passados, o exercício clínico da Medicina,

principalmente no interior de um Estado pobre como o nosso, onde os recursos médicos eram extremamente limitados; onde as populações, em sua maioria, ignoravam as dificuldades enfrentadas pelo médico, o consultório geralmente desaparelhado; onde não havia serviços hospitalares, nem mesmo ambulatórios emergenciais; onde, nas farmácias, quando elas existiam, escasseavam os medicamentos; onde, sempre ou quase sempre, faltavam enfermeiros; onde, de outro lado, sobrava a ignorância.

Todo esse amontoado de deficiências deve ter influído sobre o médico clínico Grácio Barbalho, fazendo que ele, num relance, escolhesse, dentro da sua profissão, o silêncio e a solidão de um laboratório de análises clínicas, ainda com a vantagem de falar pouco, fato que já era o seu forte. No laboratório, Grácio não se arriscaria a ver a morte de perto e só diagnosticaria a doença fora do corpo. Sois, Grácio, no silêncio do vosso laboratório, um vigia da saúde contra o assalto da doença e a investida da morte, porque é de vós, da vossa percepção, do vosso conhecimento, do vosso tirocínio, da vossa experiência, que partem os sinais de alerta, levando ao clínico geral, ao especialista, ao cirurgião, a certeza do diagnóstico ou as informações que a ele conduzam, visando ao desempenho da Terapêutica. Em suma, Grácio, sois a providência a serviço da providência.

Depois de situar o nosso recipiendário como médico, laboratorista, colecionador e pesquisador da Música Popular Brasileira, observemos agora uma característica inconfundível da personalidade de Grácio Barbalho: o seu propalado mutismo.

Grácio Barbalho é conhecido e reconhecido como aquele que fala pouco.

Ele próprio atribui esse conceito a dois episódios: um deles, ao boato que Filgueira Filho, de saudosíssima memória, espalhou por toda a cidade que Grácio era seu amigo íntimo porque, quando os dois se encontravam, Grácio exclamava: "Oh!". O outro ocorreu quando, certa vez, viajando de Natal para Santana do Matos, em companhia de Manuel Vilaça, este inventou e espalhou, entre colegas e amigos, que Grácio, durante toda a viagem, só falou em céu e chuva, sendo constantes e repetidas frases como estas: "O céu está nublado". "Parece que vai

chover". "O tempo está se fechando". "Tudo indica que vamos ter um bom inverno".

E Grácio sentenciou: "A coisa pegou". Essa característica de caladão", diz ele, "corre por toda parte". "Quanto mais eu falo, mais dizem que eu não falo". Grácio não se ressentia. Acostumado à sua discoteca, onde ouve sempre e pouco fala, e ao seu laboratório, onde não fala, mas apenas vê, habituou-se, entre os amigos e colegas, a ver e ouvir mais do que falar.

A palavra, pensamos nós, nem sempre indica o saber de quem fala: há os que muito falam e sabem pouco; há os que falam pouco e muito sabem. São muitos os pensadores que avaliam o silêncio como valor maior de conduta, e, aqui, citaremos alguns:

"Muitas vezes", afirma Simônide, "nos arrependemos de ter falado, mas nunca de ter calado".

O Marquês de Maricá sentenciava: "O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe e aprende o que ignora".

"O silêncio", diz Figueiredo, "é o pudor das almas sábias e prudentes: dentro dele cabe tudo o que é grande: o amor que não se exterioriza, o sonho de beleza que não se atinge, a cultura da rosa mística oculta no fundo do coração".

Grácio, falando pouco, venceu em todas as atividades a que se dedicou, porque pôs, em cada uma delas, o seu coração. O cérebro, fonte da palavra, ninguém o nega, aponta os caminhos, mas é o coração que, sem interferir no mecanismo vocabular, dirige os passos, trabalha as mãos, move os entusiasmos, produz o êxito.

Não é o falar muito que mede o valor de quem ingressa em uma Academia de Letras.

Lembraríamos aqui uma antiga Academia Persa, cujo estatuto sentenciava os seus acadêmicos a "pensar muito, escrever pouco e falar o menos possível".

Muitos eram os que nela desejavam ingressar. Certo dia, apareceu um candidato, o Dr. Zeb, autor de um único livro. Os predicados exigidos, ele os tinha: pensava muito, escrevia pouco, falava o menos possível. Chegou tarde. A única vaga havia sido preenchida. O Presidente que, na oportunidade, estava reunido com vários acadêmicos, considerando o reconhecido valor do Dr. Zeb, e em estrita obediência estatutária, sem dizer nada, apresen-

tou ao candidato uma taça cheia d'água, querendo significar que não havia mais vaga. Zeb não se perturbou. Dirigiu-se a um vaso cheio de flores, que havia perto, cortou uma pétala de rosa e, também sem dizer palavras, colocou a pétala sobre a superfície da água que enchia a taça e com tanta precaução o fez que a pétala não causou qualquer extravasamento.

Compreendendo o gesto mudo, mas eloqüente, todos os presentes, sem pronunciarem quaisquer palavras, aplaudiram com prolongadas palmas, aceitando Zeb por aclamação.

O livro que Grácio nos trouxe, "O Popular em 78 Rotações", fixou a sua dimensão nos conhecimentos da Música Popular Brasileira, aquela música que estereotipa a alma do povo brasileiro, aquela música que aprova ou repudia, aplaude ou protesta, enaltece ou deprecia, sem sair, é bom que se diga, daquele humor característico e bem brasileiro. O livro de Grácio Barbalho é um documentário vivo de uma época, é o registro fiel do sentimento de um povo.

Sr. Presidente,
Senhores Acadêmicos,
Excelentíssimas Autoridades,
Meus Senhores, minhas Senhoras:

Tem-se observado que, no Brasil, entre os profissionais liberais, o médico é um dos que mais têm procurado ingressar nas Academias de Letras.

No Rio Grande do Norte, essa estatística falha, sinal de que a nossa Academia goza de perfeita saúde. Se fôssemos contar os médicos que aqui ingressaram, talvez não chegássemos a seis. Na Academia Brasileira de Letras, entretanto, o número de médicos que têm ingressado em seus quadros é bem maior.

Humberto de Campos, em seu livro "Um Sonho de Pobre", publicou uma crônica deliciosa a respeito, sob o título "Uma Visita a São Pedro". Por sua originalidade e excelente humorismo, nós a transcrevemos aqui, na oportunidade em que um médico ingressa em nossa Academia.

Escreve o grande cronista maranhense:

"No dia de São João, cerca de cinco horas da tarde, achava-me eu mergulhado em triste meditação a uma das janelas do arranha-céu em que moro, quando ouvi um ruído de papel de

seda machucado, que vinha do alto. Ergui os olhos e vi, bailando a poucos metros acima de mim, um balão verde, azul e amarelo, e que, apagado e murcho, descia lentamente, dobrando-se sobre si mesmo. Bateu no fio do telefone e deteve-se. E tão perto de mim que, erguendo a bengala em que me arrimo, consegui pescá-lo, trazendo-o para dentro da sala.

O que nos vem do Céu dá-nos sempre a doce impressão de cousa boa. Mesmo quando se trata de um balão encolhido e amassado. O que desce do firmamento é Deus quem manda. E era com esse pensamento que passava em revista os gomos de papel cortados em losango e ligados uns aos outros, quando, no lugar em que devia ter funcionado a bucha, meus dedos tateantes encontraram, preso por um fio estreito, um pedaço de papel, dobrado em quatro, como os bilhetes de namoro. Desdobrei o papel e vi que se tratava, realmente, de um bilhete, escrito à máquina, e que dizia simplesmente isto: "No dia em que apanhares este balão, deita-te antes da hora do costume. Dorme, sonha e, no teu sonho, vem até cá".

E, por baixo, a assinatura:

"Pedro".

O conselho era convidativo e original. Não trazia endereço, é verdade. Mas devia ser para mim. Eu sou um sujeito excessivamente modesto. Se, ao amanhecer, encontrasse, na minha correspondência, um envelope sem sobrescrito, mas com o timbre do Catete, convidando para escolher uma das pastas ministeriais, na recomposição do Governo, eu iria, pé ante pé, metê-lo por baixo da porta do apartamento vizinho. Mas, em se tratando de comunicação com o Paraíso, eu me sinto perfeitamente à vontade. Eu tenho sofrido tanto nestes últimos cinco anos, que os santos, os mártires e os bem-aventurados me tratam como camarada. Quando, todos os dias, começo aqui embaixo, a fazer os curativos que a cirurgia dos homens me impõe, São Sebastião, lá em cima, tapa os ouvidos e os olhos, achando que as suas setas, comparadas às minhas, são café pequeno. Daí a naturalidade com que li o bilhete, e a displicência com que exclamei:

— É para mim mesmo . . .

— Com essa convicção, deitei-me, naquela noite, pouco

depois das onze horas. Deitei-me e, para facilitar a viagem, tomei uma pastilha de bromural. Os santos, quando prometem o sono à gente, fazem o milagre. Mas sempre é conveniente facilitar o milagre com um pouco de narcótico. E eis por que adormeci imediatamente e sonhei, e, no meu sonho, fui ter naquela noite, aos caminhos e às portas do Céu.

Pessoas que assistiram a algumas das duzentas e tantas representações da comédia "Amor", de Oduvaldo Viana, contam-me que São Pedro aparece ali, no seu escritório do Paraíso, trajando terno cinzento, sapatos amarelos e lenço empinando a ponta fora do bolso pequeno. Oduvaldo andou, evidentemente, pelo Céu, antes de mim. Pois foi com essa roupa, exatamente, que encontrei o chaveiro, quando me veio receber à porta, na noite de São João.

— Olá! Recebeu o meu bilheteinho? — disse-me, puxando-me para o interior e deixando a porta encostada.

— Recebi, recebi. . . — confirmei. E aqui estou às suas ordens.

Sentamo-nos, os dois, em dois pedaços de estrela, que faziam parte do mobiliário do escritório.

— Você quer chá ou café? — consultou-me, enquanto acomodava uns papéis sobre a mesa.

-- Café.

O santo bateu, duas ou três vezes, com a palma da mão sobre um tímpano. Um anjo entrou, vestido de azul, os cabelos frisados, um laço de fita em cada asa.

— Diga a São Paulo que mande café. . . — recomendou o santo.

— Quem fornece café aqui é São Paulo? — indaguei.

— É. Ele fornece lá na Terra e aqui.

E após um instante:

— Mandei aquele bilhete a Você para me distrair um pouco. . . Você não imagina o que é a monotonia da vida aqui no Céu! Calcule que, às vezes, se passam semanas sem que apareça por aqui uma alma! . . .

— Então, não vêm mais almas para o Céu?

— Qual nada! Lá uma ou outra. . . De modo que eu resolvi abandonar isto, aposentar-me e voltar para a Terra.

— Para a Terra, meu Santo? E isto aqui?

— Isto aqui está liquidado. E de tal forma que o Senhor já deliberou, por proposta minha, transformar o Paraíso em simples dependência do Purgatório. Eu me aposentarei e virá, como chefe de secção, para cá, um bem-aventurado qualquer. . . Os anjos vão ser todos dispensados. . .

— Ah! E que serviço lhe posso prestar nessa emergência? Algum préstimo que eu possa ter, está à sua disposição.

— E é isso o que eu desejo. Desempregado aqui, pretendo ir, como lhe disse, para a Terra. E quero que você me arranje, por lá, uma colocação. . . Cousa modesta, para principiar. . . Trezentos ou quatrocentos mil réis. . .

Refleti um pouco. Lembrei-me dos amigos a que poderia recorrer. Bati na testa:

— Ah! Uma idéia!

— Qual?

— A Academia!

— A Academia Brasileira de Letras? Ah, esta, não!

— São quatrocentos mil réis por mês, meu santo!

— Eu sei, eu sei. . . Mas eu não lhe estou dizendo que desejo viver na Terra?

— E a Academia não é na Terra?

— A Academia é, mas você não está vendo que os acadêmicos estão passando todos para o lado de cá? E é isso que eu não quero. Para ir e voltar, não me convém. Depois, esse negócio de Academia é com o Lucas.

— Com São Lucas?

— Sim: ele é que é médico. E, se não me engano, é preciso ser médico para fazer parte da Academia. Não é não?

— Não, Senhor.

— Pois olhe, eu supus que fosse. . .

— Uma alma que subiu do Rio de Janeiro, outro dia, contou-me que todos os médicos do Brasil são candidatos à Academia de Letras.

— Mentira dessa alma! Há alguns que não são.

— E se eu for candidato, serei eleito?

— Meu santo, isso é que eu não sei. . . Aí é que é preciso um milagrezinho.

— Milagre?

— E então! Ali é como no Céu antigamente: só se entra quando Deus puxa.

— Mas, com o seu voto eu conto. . . Posso ou não posso contar?

Fiquei vermelho e atrapalhado. Aqui na Terra, lugar de pecado, eu minto com enorme desembaraço. No Céu, porém, sentia constrangimento.

— Fale, meu filho. Seja franco!

Desembuchei:

— Meu Santo, eu o queria lá na Terra, a meu lado, com o seu vistoso fardão acadêmico. Mas tenha paciência e diga-me uma coisa: Deus Nosso Senhor não será candidato?

São Pedro pôs a mão no queixo.

— Espere aí que eu vou perguntar, disse, desaparecendo por trás de uma porta de ouro, vedada por um reposteiro de nuvens.

— Ao cabo de alguns instantes, regressou. Vinha calmo e triste.

— Filho, vá embora. . . Desça para a Terra. . .

— Mas, meu Santo, e a resposta? O Senhor é ou não é candidato?

— Não, não é. Nem eu o serei. O Senhor está indignadíssimo com a Academia. E empurrando-me para a porta:

— Diz Ele que, em acadêmico, não há que fiar, pois vocês, quando prometem o voto a Deus. . .

— ? . . .

— No dia da eleição, votam todos no Diabo. . .

Quis repelir o insulto. Mas já estava acordado”.

Reproduzindo essa crônica, não nos moveu qualquer crítica à classe médica, pela qual temos profundo respeito e admiração. A Medicina é um sacerdócio e se, às vezes, há erros diagnósticos, resultam eles das limitações humanas do médico diante do ilimitado domínio da Medicina.

Reforçando esse ponto de vista, lembraríamos aqui um episódio que lemos, há muitos anos, e que nos ficou na memória, de um médico, moço ainda, que, após a extração do rim tuberculoso, já sem função, de uma jovem, empalideceu quando, abrindo o rim extraído, julgou-o perfeito, levando-o à suposição

de que, inadvertidamente, extraíra o rim do outro lado, que era sã.

Foi para a sua residência como um louco, na espera ansiosa do que poderia acontecer nas primeiras 24 horas. Durante toda a noite, não conseguira dormir um minuto sequer, telefonando de meia em meia hora para o hospital, solicitando informações a respeito da operada. Somente às dez horas da manhã seguinte, o telefone tocou. Sobressaltado, tomou um revólver, certo de que iam comunicar-lhe a morte da paciente. A operada estava salva, disseram-lhe; o rim não operado estava funcionando. O médico foi então ao espelho para barbear-se, e, surpreso, viu que a maior parte dos seus cabelos haviam ficado brancos, no período de uma noite. Dirigiu-se ao hospital, mandou fazer o exame bacteriológico do rim extraído. O exame positivou a lesão. Ele não se enganara na operação.

Como se vê, a situação do médico, mormente do cirurgião, é, em determinados aspectos, apreensiva e difícil.

Grácio Barbalho, a nosso ver, foi inspirado quando, dentro da Medicina, um universo de caminhos diante de si, temperamento fechado, mas sensibilidade emergente, escolheu a solidão de um laboratório de análises clínicas, onde, sem ver o paciente, pudesse conduzir o clínico ou o cirurgião a um diagnóstico provável ou certo.

Prezado Grácio:

Não trazeis para aqui as mãos vazias e o peito descoberto. Vinde de muito longe, trazendo, dos caminhos andados, os troféus de muitas conquistas, os prêmios de renhidos combates, as condecorações de vitórias indiscutíveis.

Não é em vão que hoje vos colocais entre os primeiros do Brasil, no conhecimento da Música Popular Brasileira.

Não foi inútil o prestígio que alcançastes na vossa especialidade médica e dentro do Magistério Superior.

Não será decerto ausente o vosso esforço para dignificar a cadeira que, nesta noite, ocupais, exercendo a vossa inteligência e impulsionando o vosso esforço em prol do engrandecimento da nossa maior Casa de cultura e de inteligência.

Vencestes em todas as atividades que tentastes, porque pusestes, em cada uma delas, o vosso coração. O cérebro, ninguém o nega, aponta os caminhos, mas é o coração que dirige os

passos, trabalha as mãos, move os entusiasmos, produz o êxito.

Aqui estamos, menos para saudar-vos e, muito mais, para integrar-nos na vossa alegria e na vossa emoção, que, nesta noite, passam, também, a ser nossas.

A barreira do tempo, que nos separou tantos anos pela diversificação dos nossos rumos profissionais, agora se desmorona, possibilitando este reencontro entre dois conviverites de um passado memorável.

Sede bem-vindo, Acadêmico Grácio Barbalho, ao nosso convívio, nesta Casa chamada dos imortais, onde os homens morrem, mas não morrem as suas idéias no tempo e na memória dos que vão chegando, graças à sucessividade das exigidas substituições.

Esta Casa, agora, é também vossa; vossa é também esta noite de incontidas emoções.

Asseguramos a vossa presença entre nós pelo sufrágio unânime do reconhecimento aos vossos méritos.

Aqui chegastes pelo vosso valor inquestionável, porque legítimo.

Nossos parabéns.

Casa preservada na Oficina Gráfica
de Editora Universitária
Natal - RN
1985

Obra executada na Oficina Gráfica
da Editora Universitária
Natal—RN
1985

